

GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA ANÁLISE DAS EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS SOBRE A DISCRIMINAÇÃO E O SEXISMO

Alexandre Jackson Chan Vianna

Universidade Gama Filho - Mestrando em Educação Física (UGF) - Bolsista do CNPq

Diego Luz Moura

Universidade Gama Filho - Mestrando em Educação Física (UGF) - Bolsista do CNPq

Ludmila Mourão

Universidade Gama Filho - Doutora em Educação Física - PPGEF

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é identificar e analisar as evidências que sustentam a afirmação de discriminação de gênero na, a partir de levantamento feito em relação às pesquisas produzidas nos programas de pós-graduação Stricto-Sensu em Educação Física, tendo gênero como tema gerador. Com base nos dados concluímos que as obras estão permeadas de argumentos de impacto e evidências carregadas de vieses. Em todas as obras as autoras afirmam que a habilidade determina a participação de meninos e meninas nas aulas, desta forma, não encontramos evidências que permitam comprovar o gênero como categoria de exclusão.

ABSTRACT

The purpose of this research is to identify and analyze the evidences that support the assertion of discrimination of gender in school physical education, taking the researches made by Stricto Sensu Graduate Programs in Physical Education as point of departure. Based on data, we consider that the studies are permeated by statements that cause impact and evidences full of bias. The authors propose that performance determines the participation of boys and girls in class. In this context, we do not find evidence permitting evaluate gender as a category of exclusion.

RESUMEN

El propósito de este estudio es identificar y analizar las evidencias que sostienen la representación de discriminación de género en la Educación Física Escolar, a partir de encuestas en las investigaciones producidas en los programas de pos-grado Stricto Sensu en Educación Física, como género como tema generador. A partir de los datos hemos llegado a la conclusión que los estudios están llenos de argumentos de impacto y con evidencias marcadas por vieses. Los autores, en general, dicen que la habilidad determina la participación de niñas e niños, lo que nos empieza evaluar el efecto de género como categoría de exclusión.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surge de questionamentos levantados após o mapeamento da produção brasileira de gênero na Educação Física Escolar¹ (EFE). Naquele ensejo realizamos um levantamento da produção (teses e dissertações) que utilizou o referencial teórico de gênero para analisar as tensões na EFE. Encontramos um total de 14 trabalhos, sete nos programas de educação e sete em Educação Física (EF).

Analisando os resumos, identificamos um esforço empreendido pelos autores nas denúncias sobre discriminação e preconceito exercido pelo sistema escolar, docentes e por

¹ Moura e Mourão (2006)

meninos sobre meninas. Outro fato que chamou nossa atenção foi a repetição nas perguntas e objetivos destas pesquisas. A partir deste ponto, retomamos especificamente as obras dos programas de EF possibilitando um melhor entendimento das contribuições das pesquisas de gênero para o avanço na área.

Ao contrário dos resultados obtidos nestas produções, em estudo etnográfico em andamento², com jovens mulheres praticantes de esportes coletivos de confronto³, observamos indícios da relevância da EFE, na medida que foi na escola que essas mulheres revelaram a oportunidade de superar as dificuldades de praticar esses esportes. As meninas, através de suas narrativas apontam a escola como principal, ou o único espaço a oportunizar através da EFE a prática dos esportes coletivos de confronto. Elas reconhecem que, até exercerem uma autonomia suficiente para decidir suas opções de lazer, foi na escola que elas encontraram a possibilidade de expressar seus desejos e de aprender a negociar suas participações em um espaço hegemônico masculino.

Deste modo, o objetivo desta pesquisa é identificar e analisar as evidências que sustentam a afirmação de discriminação de gênero na EFE, a partir da análise das pesquisas produzidas nos programas de pós-graduação *Strictu Sensu* em EF, com a intenção de avançar no conhecimento acerca da relação entre meninos e meninas nas aulas de EFE.

METODOLOGIA

Baseia-se em um levantamento bibliográfico, realizado por Moura e Mourão (2006) com base nas Teses e Dissertações disponíveis nos sites da Capes e Nuteses através de palavras-chave⁴. Fizeram parte do *corpus* de análise os trabalhos que utilizaram o referencial teórico gênero nas análises da EFE.

Nesta pesquisa restringimos a amostra para cinco trabalhos do total de sete produzidos pelos programas de EF. Os procedimentos adotados na análise foram: i) leitura completa das teses e dissertações; ii) seleção dos argumentos que sustentaram as principais considerações da pesquisa; iii) reunião dos recortes dos trabalhos em um mapa para identificar as recorrências, aproximações e distanciamentos. Assim visualizamos como se construíram as argumentações que sustentam as pesquisas e metodologias adotadas para investigar a existência de discriminação de gênero nas aulas de EF.

Na análise das obras priorizamos entender como as autoras sustentam suas argumentações. Nos reportamos a Booth, Colomb e Williams (2000) que indicam que um bom argumento compreende: afirmação, evidência e ressalva. Uma afirmação é aquilo que queremos que os outros acreditem; as evidências são as razões pelas quais eles devem acreditar; e a ressalva é utilizada para deixar suas afirmações e evidências mais precisas, estipulando as condições em que a afirmação se sustenta. A seguir apresentamos breve resenha de cada uma das obras.

QUEM SABE JOGAR PRA CÁ, QUEM NÃO SABE PRA LÁ

Abreu (1990) em Dissertação pela Universidade Gama Filho (UGF), primeira produção no tema e que circulou nas demais obras, questionou: a) se a EF, em sua ação pedagógica, ao optar por aulas separadas ou mistas, está mantendo valores conservadores nas relações humanas, deixando de oportunizar questionamentos relevantes na formação dos educandos e b) se através da separação das turmas por sexo nas aulas de EF, há uma

² Referente pesquisa intitulada *Meninas que jogam bola*, desenvolvida no PPGEF- UGF.

³ Conceito de Dunning (1992). A adição de coletivos insere-se para separar o handebol, futebol e basquetebol das lutas e esportes de combate.

⁴ As palavras-chave foram utilizadas separadamente e combinada, a saber: meninos, meninas, gênero, sexo, discriminação, preconceito, sexualidade, esporte, feminino, masculino e sexismo.

negação de possíveis conflitos que poderiam ser questionados e trazidos em debate a respeito das relações humanas. A autora realizou uma pesquisa do tipo quantitativa com uso de um questionário e análise estatística com 32 alunos de 1º à 4º série (16 homens e 16 meninas)

Abreu (1990) se apropria da pedagogia do conflito para argumentar a possibilidade da igualdade das relações entre homens e mulheres sem negar as contradições da sociedade. A autora parte do pressuposto que a separação de turmas por sexos nas aulas de EF é uma atitude sexista.

Vejo que tanto na prática tecnicista quanto na prática humanista do profissional de educação física, existem discriminações. Essas são disfarçadas com a simples separação das turmas em grupos feminino e masculino. Convém observar que quando falo em discriminação não é só em relação às meninas; mas também de uma atitude discriminatória a ambos os sexos, uma vez que se espera do menino atitudes pré-estabelecidas [...] Tanto meninos quanto as meninas irão preferir esta divisão, pois já estão impregnados de valores discriminatórios advindos de condicionantes sociais (p. 13-14)

A autora acredita que em turmas mistas *“talvez se contribuísse para uma melhor integração e ajuda mútua para o convívio social em relação às condições existentes e absorção dos conteúdos”* (p.16).

Ao final da pesquisa a autora começa apontar uma perspectiva um pouco diferente do início do trabalho.

Estou otimista ao perceber que é possível reverter este quadro porque os preconceitos não são fortes. na verdade, eles estão mais concentrados em relação ao andamento das aulas e desempenho técnico (habilidades esportivas e condicionamento físico) (p.83)

Com isso, o pivô da realidade entre meninos e meninas, nas aulas de EF, é mais habilidade e menos oposição em relação ao sexo dos participantes *“o fator preponderante da incompatibilidade dos sexos em aulas mistas é o desnível das habilidades”* (p.54). A autora afirma que a discriminação é pela habilidade, pois quando as meninas demonstram habilidade são aceitas pelo grupo.

De acordo com Abreu (1990 p.154) *“vale lembrar que é possível reverter o quadro conservador em que se encontram as aulas de educação física, pois os preconceitos não são fortes”*. Nas considerações a autora apresenta algumas ressalvas e propõe outras formas de divisão de turmas.

A FALTA DE DESEMPENHO EM TURMAS MISTAS E SEPARADAS

Oliveira (1996) em Dissertação pela Unicamp questionou: a) até que ponto o fato de se unir meninos e meninas nas aulas de EF assegura atingir os objetivos de desenvolvimento de aspectos afetivo-social; b) como ficam os aspectos motores com a formação mistas das turmas de EF e; c) o aprendizado e o desenvolvimento motor estariam sendo prejudicados devido às aulas com turmas mistas. A autora utilizou uma pesquisa do tipo quase-experimental com testes de habilidades, capacidades físicas e entrevistas com alunos e professores em 4 escolas. A idade média dos alunos foi de 12 anos. A pesquisa contou com 234 indivíduos nos testes de habilidade e 179 entrevistas.

A autora compactua com referencial teórico a priori que sustenta a utilização de turmas mistas como avanço pedagógico a ser alcançado nas aulas e a pesquisa propõe provar esse fato nas aulas de EF. Para comparar os efeitos da composição de turmas de EFE baseadas no sexo, são comparadas quatro escolas, duas com aulas mistas e duas separadas por sexo. Na metodologia a autora faz a ressalva que *“os resultados obtidos*

nesta pesquisa não podem, nem devem ser generalizados, considerando que existem inúmeras características que são peculiares ao grupo estudado” (p.51).

Antes de apresentar os dados da pesquisa e as considerações, a autora se apropria de referencial teórico que vai fundamentar sua crença na importância das aulas mistas e preparar o leitor para dividir tal esperança.

Para aqueles que reconhecem e são contrários aos valores sexistas que tem sido veiculados na, e que tem se preocupado com o progresso da área.[...] serão apresentados alguns pressupostos que norteiam este estudo e indicam a possibilidade de as turmas mistas contribuírem ou não para o processo de formação do educando (p.40).

Fica claro que os alvos da autora são a escola, o professor(a), o esporte e o rendimento. Apresenta então, o quadro de uma sociedade reforçada pela figura da escola e intermédio do professor que impõe as condições de gênero. Aponta que a falta de diversidade no conteúdo das aulas gera exclusão das meninas e mesmo que estivessem em aulas mistas, não teriam garantia de condição para alcançar desempenho para interagir com os meninos. Sugere como solução que as atividades da tradição feminina façam parte do programa. E apesar de todas as evidências construídas, para argumentar contra os professores que dizem da impossibilidade dos alunos aceitarem as aulas mistas afirma:

[...] é oportuno salientar que estas não são características universais e inalteráveis, e que além de existirem meninos e meninas que fogem a estes padrões de comportamento, observa-se que os meninos são bem aceitos por meninas quando se mostram gentis e amigáveis, da mesma forma que os meninos aceitam aquelas meninas que demonstram habilidade nos jogos e tarefas motoras (p.44).

Apesar de observar a existência de meninas que participam efetivamente das atividades esportivas com os meninos e que o fator determinante é o desempenho, a autora utiliza esta evidência para reafirmar sua posição inicial convicta da aula mista.

O teste de desempenho é realizado sem controle de variáveis como tempo do programa, diferenças entre escolas e grupo de controle. Conclui que não houve diferença significativa no desempenho motor dos alunos(as) entre as escolas que utilizam turmas mistas ou separadas. Aponta a incapacidade dos professores de promover esse desenvolvimento e mesmo sem resultados ratifica não existir motivos no desempenho para a não utilização das aulas mistas.

O SEXISMO NA AMÉRICA DO SUL

Duran (1999) em Dissertação na Unicamp, procurou identificar como as aulas de EF reproduzem estereótipos de gênero, dada sua orientação biologicista e esportiva que tem caracterizado a disciplina durante décadas. A autora utilizou uma análise documental e entrevistas com docentes do colégio INEM (Colômbia).

Duran parte sua argumentação do pressuposto que a separação dos sexos nas aulas de EF é um ato sexista, embora não fundamente ou discuta o que se entenda como sexismo. Aponta o colégio INEM como um reduto sexista e acaba abarcando todas as escolas nessa condição, *“na educação física, mais ainda, persistem esquemas conservadores, como a separação por sexo nas turmas” (p.76).*

Podemos considerar que a escola tem um papel primordial na reprodução e perpetuação das desigualdades, através de seus currículos oculto e explícito e de suas diferentes disciplinas, entre elas a educação física (p.6).

Percebemos que a autora não agrega dados e/ou fontes que possibilitem entender o sexismo, muito menos as ditas desigualdades, além disso parte da amostra de uma escola

para generalizar toda a educação da América do Sul como sexista. A autora indica a esportivização como maior responsável pela atribuição de estereótipos:

Esta esportivização da educação física contribui para reforçar estereótipos e perpetuar características que erroneamente tem sido vinculadas a cada sexo, excluindo a mulher de sua prática e ocasionando-lhes desmotivação para realizar atividades físicas (p.36)

Ao converter o esporte no conteúdo principal da educação física, faz-se com que esta disciplina seja discriminatória e sexista, já que o esporte tem-se caracterizado como uma atividade própria dos homens e um meio para reforçar sua 'virilidade' (p.88)

Sobram generalizações na argumentação, pois não é possível entender de que maneira a esportivização contribui neste processo. A autora utiliza uma definição ampla sobre os esportes. Generalização que perde força quando comparada com outros esportes como o balé e a ginástica artística. Faltam delimitações que ajudem ao leitor entender a relação esporte e discriminação.

A autora se contrapõe quando afirma que as mulheres enfrentam muitas barreiras para conseguir o direito à prática e por outro lado evoluíram muito no esporte alcançando marcas iguais à dos homens. Essa afirmação ainda causa algumas ambigüidades, pois não conseguimos saber se as dificuldades diminuíram ou o número de mulheres nas práticas de esporte aumentou. Parece que a autora esquece de apontar que os homens também enfrentam dificuldades.

Duran aponta a proposta chamada *jornada ampliada* como uma perspectiva de superação dos estereótipos de gênero e discriminação sexista. Descreve a experiência da implantação desta proposta, porém não fornece elementos para compreender as evidências pelas quais foi criada, nem ilustra comparações sobre a relação dos alunos anteriormente. O mais grave é que parece que esta proposta já existia antes que a autora realizasse seu estudo, o que no mínimo é um descuido que se projeta como um viés de legitimação.

A autora relata o avanço e conquistas das mulheres afirmando que o mesmo se reflete no esporte. Segundo a autora existe pouca participação feminina em atividades esportivas em nível nacional e internacional. Entretanto, generaliza na medida que engloba todas atividades. Sabemos que em muitos esportes as mulheres são maioria⁵. Chega um momento que parece que a empolgação da militância atrapalha seus argumentos ao afirmar que as diferenças entre homens e mulheres são construções culturais e não naturais. Um equívoco que permitiria pensar que biologicamente homens e mulheres são iguais.

A EVIDÊNCIA DA DIVERSIDADE DO FEMININO

Duarte (2003) em Dissertação pela UGF questionou: a) quais evidências discursivas demonstram o pensamento das meninas sobre os critérios de seleção utilizados para sua participação nas aulas de EF; b) se as alunas sentem-se excluídas e/ou desestimuladas nas aulas, a partir da percepção de que as oportunidades são iguais, mas com ritmos de aula ditados pela habilidade masculina e; c) como os critérios de seleção são utilizados para a participação de meninas(os) nas aulas de EF. Uma abordagem qualitativa e entrevistas com 12 alunas de 4 escolas Municipais do Rio de Janeiro foi sua escolha.

Na introdução é revelada a experiência primeira da realidade, onde a autora, em um olhar, apresenta sua percepção da discriminação de gênero e seus resultados produzidos historicamente nas aulas de EF:

⁵ Vianna e Mourão (2007).

Um problema que detectei logo no início das aulas na escola investigada foi que as corporeidades produzidas e refletidas na Educação Física Escolar reproduzem o modelo de discriminação dos papéis masculinos e femininos existentes na sociedade, mantendo como referência os padrões masculinos (p.1).

Este argumento tem como base de fundamentação teórica, completando o olho nu e as percepções da pesquisadora, os PCNs e o Coletivo de Autores que sustentam que as aulas de EF devam ter grande diversidade de conteúdos. Esta se torna a chave para tecer algumas conclusões já no levantamento inicial: *“os conteúdos preferidos são os esportes, e nunca a dança e a ginástica, fazendo com que as meninas aceitem a disciplina Educação Física como um espaço de treino, e não de aprendizagem”* (p.3).

Ainda na introdução a autora afirma que:

Entendendo que todos estes aspectos resultam na construção de critérios de seleção entre meninos e meninas, penso que nas escolhas dos times temos a representação das relações de poder nas aulas de Educação Física. Esta seleção interioriza os critérios de dominação e perpetua uma classificação, que é intrínseca e fortalece o poder de uns os meninos e ao mesmo tempo reafirma o fracasso de outros as meninas (2003 p.4).

No decorrer do trabalho esta afirmação perderá força em detrimento dos dados categorizados da pesquisa. Duarte alcança um avanço em relação aos demais trabalhos ao apontar que em todas as escolas pesquisadas existe uma recorrência de diversidade no comportamento das meninas. A autora demonstra que nas escolas estudadas existem três grupos típicos de meninas: a) que participam; b) que tentam participar; e c) que boicotam as aulas. Em todas elas, ao contrário dos estudos de gênero, os grupos excluídos da atividade não são identificados pelo sexo, mas pelo desempenho esportivo.

Os problemas levantados na pesquisa para analisar a realidade, também evidenciam uma predisposição em encontrar os resultados esperados. Ao analisar os discursos das alunas para compreender a participação nas aulas, a autora constrói a pesquisa com questões específicas que partem da idéia que o ritmo de aula é ditado pela habilidade masculina e o critério de seleção é utilizado para garantir participação ou não de meninas nas atividades.

Em sua análise apresenta crise de referencial teórico. Elege Marx e Foucault para demonstrar as estruturas sociais rígidas e determinantes que sustentam a dominação masculina para depois apresentar como um professor substituto em poucas aulas e com uma atenção especial pode mudar todo o quadro de discriminação e sexismo ditado pela cultura dentro da escola; cita Abreu (1990) para afirmar que em relação as aulas co-educativas *“de lá pra cá nada mudou”* (p.94) e se referindo aos comportamentos sexistas, sugere que *“é possível perceber não apenas a perpetuação desse movimento, como também as mudanças que vêm ocorrendo”* (p.99); e consegue ainda apontar que não se pode vitimizar as mulheres desconsiderando sua capacidade de resistência e transformação para depois denunciar que as meninas, sem muitas chances de buscar as identidades, acabam vivenciando apenas as crises. Essa bipolaridade argumentativa nos escritos ingênuos do decorrer do texto parecem estar refletindo o momento histórico que passa o conceito de gênero – o encontro com suas limitações para resignificar sua existência.

Embora Duarte avance na categorização dos grupos por desempenho e esta hipótese se confirme em todas as escolas, indício este que poderia revelar novas questões para aprofundar o entendimento da realidade, perde-se na crítica denunciante do sexismo e da discriminação de gênero que se apoiou em todo trabalho. A diversidade das alunas com suas diferentes apropriações da prática esportiva e a regularidade dos perfis em diferentes escolas baseada no desempenho deveriam anunciar novos pontos de vista para o entendimento das diferenças.

PROCURANDO OS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

Pereira (2004) em Tese pela UGF teve como objetivo a) investigar as construções das relações de gênero; b) observar e descrever os estereótipos de gênero apresentados na interação e; c) identificar como se configura a escolha pelas crianças das atividades lúdicas e motoras, e a ocupação dos espaços de atividade motora, nos momentos de recreação. A autora utilizou-se da observação direta, análise de desenhos, entrevistas, filmagens e construiu e validou um teste (TEGAM). A pesquisa teve a amostra de 61 alunos do Ensino fundamental com idade de 8 /10 anos; professores e; a coordenadora.

A autora relata uma observação inicial que a motivou escolher pesquisar a EFE, orientando-se pelo referencial de gênero

Durante uma aula de futebol numa quadra de areia, uma aluna da 2ª Série do Ensino Fundamental disse-me que não sabia jogar futebol. Perguntei: por quê? E a resposta foi que, no condomínio em que ela morava, os meninos não deixavam as meninas jogarem futebol, pois elas atrapalhavam a brincadeira por causa da falta de habilidade. Sugeri então que se arriscassem a ocupar o espaço de jogo deles, questionassem e insistissem até que eles dessem uma oportunidade para elas participarem do jogo. Na semana seguinte, ao voltar para a aula de Educação Física, a menina disse que minha sugestão havia dado certo e que ela e as outras colegas estavam jogando futebol quase todas as noites junto com os meninos (p.12).

Notemos que o único fato que impedia a participação era a iniciativa das meninas em querer participar das atividades.

A autora critica a formação de filas por sexo e a organização de fila única privilegiando as meninas na frente. Segundo Pereira (p.141) *“Observou-se, de um modo geral, que a escola favorece os agrupamentos por sexo, reforçando-os através de atitudes, palavras e/ou rituais que vão incutindo nas crianças a idéia de separação.”* Esta afirmação é um pouco nebulosa na medida em que não descreve se a autora está se referindo a instituição escolar ou a escola da pesquisa.

Quando Pereira estreita suas lentes no espaço escolar, parece que as categorias de exclusão não recaem diretamente sobre o gênero. A categoria habilidade parece ter mais poder de exclusão:

Observei que as meninas nunca jogam futebol com eles, com exceção de uma delas que é aceita nessa atividade porque, além de saber jogar, se dispõe a participar da atividade com eles (p.81)

Na quadra estava acontecendo um jogo de futebol de meninos, com a participação de uma menina. Uma aluna dessa turma disse que a jogadora sempre joga futebol porque os meninos deixam, **pois ela sabe jogar e parece um homem** (p.92. Grifo da autora).

Ao explicar sobre a EFE, a autora aponta o universo esportivo e afirma que *“A habilidade corporal nos esportes, sobretudo em nossa cultura, ainda é tida como coisa de homem”*.(p.93). A autora mergulha na generalização, pois não podemos aplicar esta sentença para todas as práticas esportivas.

É importante observar que a empolgação da argumentação de reivindicação dos aspectos culturais pode acabar em negar os aspectos naturais e biológicos. *“Contudo, é interessante pensar que nada é “natural”, nada está dado de antemão [...]”* (p.80).

Considerações finais

Com base nos dados podemos tecer algumas considerações e apontar reflexões sobre a perspectiva de gênero na EFE. Com o intuito de oxigenar esta temática de intenso debate, sugerimos um convite ao diálogo com algumas idéias de Bachelard que apresenta os obstáculos epistemológicos na prática da ciência e suas conseqüências para o avanço do

conhecimento. Identificamos alguns destes obstáculos que parecem estar permeando os estudos de gênero da EFE. Bachelard (2003) apresenta os obstáculos epistemológicos como causas de estagnação e regressão do conhecimento. Destacamos aqui suas considerações sobre: a opinião e a importância de se formular bons problemas; a observação primeira; e o conhecimento geral. Consideramos destacá-los por serem, segundo o autor, erros iniciais nas pesquisas.

De acordo com Bachelard (2003 p.18) “*A opinião pensa mal [...] traduz necessidades em conhecimento*”. Nesta perspectiva a pesquisa científica deve opor-se a opinião e destruí-la para pensar analiticamente e debruçar-se no fenômeno estudado. Duvidar, colocar a prova o senso comum e as ideologias são os objetivos aos quais os pesquisadores deveriam procurar o ponto de partida para vencer a opinião pessoal. Todos os trabalhos analisados partem da opinião que existe discriminação e sexismo e o esporte é o seu principal instrumento de reforço. Apenas tentam confirmar essa opinião empiricamente. As argumentações no geral possuem afirmações fortes com evidências frágeis. Queremos afirmar que não encontramos argumentos que sustentem o gênero como categoria de exclusão ou inclusão das meninas nas atividades, pois sobram relatos que foi a disponibilidade ou o aprendizado da técnica dos esportes que definiram a condição das meninas.

Este fato suscita mais um ponto que merece reflexão, pois se é o gosto e o aprendizado da técnica os fatores de exclusão, deveríamos investir na diversidade de conteúdos ou nas estratégias de aprendizado da técnica dos esportes?

Parece que as autoras apostam na diversidade em detrimento do aprendizado da técnica que é chamado nos trabalhos como esportivização. Não queremos propor um manifesto contra a diversidade nos conteúdos, apenas apontarmos que não se pode jogar fora a água com a criança. Se realmente os esportes coletivos de confronto são instrumentos de dominação, onde as mulheres são minoria no lazer, não seria mais transformador insistir no ensino dessas modalidades a todas as meninas? Não seria interessante turmas separadas para que elas se apropriassem do conteúdo do dominador?

É fundamental elaborar boas questões, pois “*todo conhecimento científico é resposta a uma pergunta*” (ibid. p.18). As perguntas recorrentes nestes trabalhos perseguem observar se os valores conservadores estão sendo mantidos (ABREU, 1990), se as alunas se sentem excluídas (DUARTE, 2003), como são os estereótipos de gênero (PEREIRA, 2004), como a EF reproduz os estereótipos (DURAN, 1999) que demonstra intenção de confirmar uma verdade já estabelecida ou imaginada. As perguntas, que procuram novas respostas para avançar o conhecimento, deveriam buscar a contradição para superar o que Bachelard chama de “instinto conservativo” de procurar mais as respostas que novas perguntas.

A observação primeira, como obstáculo ao entendimento da realidade, está presente em todos os trabalhos, onde a experiência e vivência das pesquisadoras são registradas no primeiro argumento sobre a realidade. Bachelard sustenta que “*o espírito científico deve formar-se contra a Natureza [...] contra o arrebatamento natural, contra o fato colorido e corriqueiro*” (p.29). A relevância e destaque acadêmico que os estudos de gênero tomaram devem ter movido “*a necessidade de certeza imediata, a necessidade de partir do certo e a doce crença na recíproca, que pretende que o conhecimento do qual se partiu era certo*” (p.51) para que as pesquisadoras levassem até o fim suas convicções primeiras.

Existe uma lacuna nos estudos analisados na discussão do sexismo. É notório que as autoras expressam esta idéia como uma prática negativa. Entretanto não encontramos qualquer definição do termo, apenas em uma nota de rodapé de Pereira que o define como a separação entre os sexos. Se o conceito presente nas obras se refere exclusivamente à separação entre os sexos, diríamos que são afirmações frágeis porque não discutem o

conceito com suas delimitações. Exemplos simples nos ajudam: os banheiros dos Shoppings da nossa cidade são separados por sexos, seria interessante reivindicar contra este sexismo? Os locais destinados aos provadores de roupas nas lojas são separados por sexos, caberia aqui uma denúncia? Por outro lado, existe um movimento anti-sexista a um cotismo como o direito ao vagão de trem e metrô exclusivo para as mulheres, número de representantes nos partidos políticos entre outros. Estas questões apontam a necessidade de se refletir mais sobre este conceito e sua aplicação nas questões científicas e sociais.

Um conceito científico, segundo Bachelard, serve para explicar uma situação, em uma dada condição, que nos forneça a capacidade de nomear um fenômeno, torná-lo eficaz para avançar o conhecimento, porém, “*a fecundidade de um conceito científico é proporcional a seu poder de deformação*” (p.76). Quando gênero e discriminação passam a explicar todas as situações das relações entre os sexos, perdem seu poder de avançar no conhecimento como bem fizeram quando entraram no cenário científico. O conceito de gênero nestas pesquisas se tornou um conhecimento geral que tudo explica e resolve.

Refletimos com Bachelard que um conceito deveria vir junto do seu não-conceito. Procurar delimitar e duvidar dos conceitos que rondam os estudos de gênero pode nos abrir o olhar para questões aparentes que não queremos ver, como por exemplo, por qual motivo a diversidade do feminino no esporte na EFE é tão latente, mas difícil de ser tratada pelas pesquisadoras? Por quê as pesquisas procuram sexismo diante de uma realidade que mais parece adaptação pacífica das relações através de escolhas pessoais? Por que mesmo com fortes evidências de habilidade como categoria de exclusão, as pesquisas insistem em apontar o sexismo?

Entendemos que os problemas mais relevantes surgem das perturbações. Quando duvidamos, provocamos debate, criamos oportunidades para além do estabelecido. Procuramos rever conceitos, pois como sugere Bachelard (2003, p.21) “*o homem⁶ movido pelo espírito científico deseja saber, mas para, imediatamente, melhor questionar*”.

REFERÊNCIAS

- ABREU, N. G. **Meninos pra cá, meninas pra lá.** (Dissertação de mestrado) Rio de Janeiro: UGF. 1990.
- BACHELARD, G. **A formação do espírito científico.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.
- BOOTH, W. C; COLOMB, G. G; WILLIAMS, J. M. **A arte da pesquisa.** Rio de Janeiro: Martins fontes, 2000.
- DUARTE. C. P. **O discurso de escolares adolescentes femininas sobre os critérios de seleção utilizados para a participação em aulas mistas de Educação Física.** (Dissertação de mestrado) Rio de Janeiro: UGF, 2003.
- DUNNING, E. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais da identidade masculina e as suas transformações. *In: ELIAS, N. A busca da excitação.* Lisboa: DIFEL, 1992.
- DURAN. M. V. C. **A aula de Educação Física como reprodutora de estereótipos de gênero à luz da experiência no colégio "Inen Santiago Pérez- Santa Fé Bogotá.** (Dissertação de mestrado). Campinas: Unicamp. 1999.
- MOURA, D. L; MOURÃO, L. A Produção histórica do conhecimento sobre gênero nos cursos de pós-graduação em educação e educação física. *In: X congresso nacional de história do esporte, lazer, educação física e dança.* Curitiba, 2006.
- OLIVEIRA, G. K. **Aulas de Educação Física para turmas mistas ou separadas por sexo? Análise comparativa de aspectos motores e sociais.** (Dissertação de mestrado). Campinas: Unicamp, 1996.

⁶ E as mulheres com certeza também.

PEREIRA, S. A. M. **O sexismo nas aulas de Educação Física**: uma análise dos desenhos infantis e dos estereótipos de gênero nos jogos e brincadeiras (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: UGF, 2004.

VIANNA, A.J.C.; MOURÃO, L. **O esporte coletivo de confronto como área de transgressão da identidade feminina**. In: Fiep bulletin. Vol.77-2007.

Alexandre Jackson Chan Vianna

Endereço

Rua Manuel Vitorino, 553 Piedade, Rio de Janeiro.

Prédio AG, 5º andar. Sala da coordenação do mestrado em Educação Física

CEP 20748-900

Tel: 55 (21) 25997138

Endereço eletrônico

a.jackson@uol.com.br